A Comunicação Comunitária como elemento crucial na amenização de tragédias – o caso das cheias de 2010 no estado de Alagoas e o trabalho comunicacional comunitário na cidade de Quebrangulo[1]

Orlando Maurício de Carvalho Berti[2]

UESPI – Universidade Estadual do Piauí (Teresina – PI)
UMESP – Universidade Metodista de São Paulo (São Bernardo do Campo – SP)

Resumo

O trabalho enfatiza as faces da comunicação comunitária como instrumento de amenização de situações caóticas e tragédias naturais, tendo-se como lugar de estudo o município alagoano de Quebrangulo. A cidade foi fortemente atingida por chuvas e cheia catastrófica do rio Paraíba em junho de 2010. Tem-se como questionamento: como a comunicação comunitária foi utilizada para a amenização dessa tragédia. Objetiva-se: estudar as conseqüências do trabalho de comunicação comunitária nesse caso, bem como refletir o papel desse tipo de Comunicação em situações de crises geradas por tragédias da natureza e ainda destacar as faces e interfaces em situações dessa magnitude. Metodologicamente emprega-se o método Qualitativo, com estudo analítico-reflexivo, com pesquisa de campo e observação participante no local dos acontecimentos relatados no trabalho.

Palavras-chave: Comunicação Social; Comunicação Comunitária; Comunicação e Cidadania; Tragédia em Alagoas; Quebrangulo.

Introdução

Sexta-feira, 18 de junho de 2010. Essa data para uma parte dos moradores de comunidades urbanas e rurais do Agreste dos estados brasileiros de Alagoas e Pernambuco será um dia não para lembrar que a Seleção Brasileira de Futebol (em plena Copa do Mundo da África do Sul) vencera mais uma partida (contra a Costa do Marfim), mas uma data para rememorar a ocorrência de uma das maiores tragédias naturais da história do Nordeste do Brasil.

Era meio da tarde e início da noite daquele dia quando moradores de cidades dos vales do Paraíba e Mundaú (no Agreste do estado de Alagoas) foram surpreendidos pela

[1] Trabalho apresentado no GP (Grupo de Pesquisa) Comunicação Para a Cidadania da DT (Divisão Temática 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul (RS) – de 2 a 6 de setembro de 2010.

[2] Doutorando em Comunicação Social na UMESP – Universidade Metodista de São Paulo (São Bernardo do Campo – SP) onde atualmente estuda as interfaces entre a Comunicação Comunitária (principalmente a radiofônica) e as tecnologias atuais. Jornalista, militante do movimento de rádios comunitárias e da comunicação alternativa. É professor, pesquisador e extensionista da UESPI – Universidade Estadual do Piauí (campus de Teresina – PI). Bolsista da FAPEPI – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí. E-mail: **orlandoberti@yahoo.com.br**

cheia dos rios que têm o mesmo nome dos seus vales, gerando dezenas de mortes e destruição de quase 50 cidades, algumas delas, inclusive, com total comprometimento da estrutura de prédios públicos existentes.

Um dos municípios mais arrasados foi o alagoano Quebrangulo, até então conhecido nacionalmente como a cidade em que nasceu o escritor Graciliano Ramos.

Entender como a comunicação, principalmente a Comunicação Comunitária, foi utilizada em situações de caos natural é a temática que instiga este artigo.

Escolheu-se Quebrangulo pelo fenômeno comunicacional gerado após a tragédia, principalmente pelo envolvimento da rádio comunitária legalizada Victoria FM, sedeada no município, e pelo trabalho comunitário gerado após essa tragédia.

Buscou-se através de uma observação participante, pois, segundo Cicília Peruzzo (2005, p.125) é importante a inserção do pesquisador no ambiente natural da ocorrência do fenômeno e sua interação com a situação investigada. Essa interação ocorreu com a presença *in loco* do pesquisador do fenômeno e sua interação e atuação cidadã na ajuda comunicacional comunitária para a realização da pesquisa. Esse tipo de pesquisa ajuda a explicar os procedimentos metodológicos do trabalho onde também emprego do Método Qualitativo, com estudo analítico-reflexivo, com pesquisa de campo no local dos acontecimentos relatados no trabalho.

Tem-se como problema de pesquisa a elucidação do questionamento: como a comunicação comunitária foi utilizada para a amenização da tragédia da cheia do rio Paraíba na cidade de Quebrangulo, em Alagoas?

Objetiva-se no trabalho: estudar as conseqüências do trabalho de comunicação comunitária para amenizar as conseqüências das cheias do rio Paraíba, em Quebrangulo; bem como refletir o papel da Comunicação Comunitária em situações de crises naturais; e ainda destacar as faces e interfaces da comunicação comunitária em situações de tragédia e desastres naturais no interior do Brasil.

Tem-se quatro momentos no estudo. No primeiro, de caráter de identificação do sujeito-objeto, são situados os motivos da tragédia natural que acometeu os estados de Alagoas e Pernambuco, principalmente trazendo-se informações sobre a situação na região do Agreste alagoano. Já o segundo momento envereda-se pela caracterização da cidade de Quebrangulo: *lócus* do estudo. O terceiro momento do trabalho envereda-se pela fundamentação teórica explicando-se brevemente as faces e interfaces entre os conceitos e importância da Comunicação Comunitária. No quarto momento envereda-se pela análise do problema da pesquisa mostrando-se como a comunicação comunitária é

elemento importante na amenização de problemas relacionados a desastres naturais e as lições comunitaristas trazidas na experiência dos problemas vividos pelos membros da comunidade de Quebrangulo.

I – As tragédias das cheias dos rios Mundaú e Paraíba durante junho de 2010 em Alagoas, Brasil

Os estados brasileiros de Alagoas e Pernambuco viveram no mês de junho de 2010 uma das maiores tragédias naturais de suas histórias. Uma coincidência negativa de dias seguidos de fortes chuvas e cheias de rios provocou mortes, desolação e caos. Cidades praticamente inteiras foram destruídas. Por conta de ineficaz sistema de comunicação ocorreu destruição em residências, comércios, prédios públicos (entre eles hospitais e postos de saúde).

Essa ineficácia comunicacional ocorre devido ao pouco número de emissoras de rádio na região e a inexistência de retransmissoras locais de TV que poderiam alertar com mais precisão os moradores, além de sistema metereológico e de combate a cheia de rios que poderiam passar informações detalhadas e atuais evitando-se principalmente falecimentos.

> No total, 95 municípios foram atingidos, dos quais 28 são alagoanos e 67, pernambucanos. Embora tenha o menor número de cidades afetadas, Alagoas permanece com o maior número de municípios em calamidade pública (15, contra 12 em Pernambuco). Mais quatro cidades do Estado continuam em situação de emergência. Em Pernambuco, 27 municípios estão nessa condição (FOLHA ON LINE, 2010).

Também, segundo o sitio FOLHA ONLINE (2010)[3] haviam até o dia 17 de julho de 2010: 44.426 desabrigados, sendo 26.618 no estado de Alagoas e 17.808 no estado de Pernambuco. Mais trágico é o saldo de mortos: 57 mortos (sendo 37 em Alagoas e 20 em Pernambuco) e 69 desaparecidos (todos em Alagoas), muitos deles sem o mínimo de pistas de paradeiro, podendo estar soterrados nos locais em que ocorreram as cheias.

Principalmente no estado de Alagoas, um dos mais pobres do País, as cheias dos rios Mundaú e Paraíba deixaram milhares de vítimas, muitas delas sem residências ou

[3] Dados mais atualizados até a conclusão deste artigo.

condições de sobrevivência, vivendo de doação de terceiros e exclusivamente da ajuda governamental.

Segundo sitio SOS Alagoas (2010) criado para conscientizar, informar e arrecadas donativos para os desabrigados no estado alagoano, no estado foram atingidos os municípios de: Atalaia, Branquinha, Cajueiro, Campestre, Capela, Cha Preta, Colônia de Leopoldina, Ibateguara, Jacuípe, Joaquim Gomes, Jundia, Maceió, Maragogi, Marechal Deodoro, Matriz Camaragibe, Murici, Passo Camaragibe, Paulo Jacinto, Quebrangulo, Rio Largo, Santa Luzia do Norte, Santana do Mundaú, São Luís do Quintude, São José da Lage, São Miguel dos Milagres, Satuba, União dos Palmares e Viçosa. Esses municípios foram atingidos pelas imensas cheias que deixaram os leitos dos rios com volumes até trinta vezes maior que o normal.

Para a reconstrução desses municípios alagoanos, milhões de reais têm de ser destinados. Cidades alagoanas como Branquinha e Quebrangulo terão de ser praticamente reconstruídas, visto que praticamente todos os prédios públicos foram destruídos.

II – A cidade de Quebrangulo

Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (2010) a cidade de Quebrangulo tem 300 quilômetros quadrados de extensão e tinha população estimada para o ano de 2009 em 11.566 habitantes. Essa população é dividida quase que igualitariamente entre a zona urbana e rural, sobrevivendo da agricultura, pecuária, do serviço público e, principalmente, do assistencialismo advindo de programas governamentais federal, estadual e municipal. A cidade tem 135 anos e está localizada na divisa com Pernambuco.

Parte da economia da cidade está ligada ao rio Paraíba que tem margeada na zona urbana os principais comércios e que na zona rural tem margeada as principais propriedades (muitas delas com produção de cana-de-açúcar e com criação de bovinos). Segundo a Prefeitura de Quebrangulo (2010), o rio Paraíba corta o município por 30 quilômetros.

Segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano (2010), Quebrangulo tem IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0,574, um dos mais baixos do estado de Alagoas (que está entre as três unidades federativas mais pobres do País).

O município tem esse nome segundo duas versões. A primeira é sobre um ex-escravo (fugido das fazendas da região no século XIX) que teria ido morar no lugar em que deu origem ao município e que se tornou famoso por ser exímio caçador. O ex-escravo era chamado de Quebrangulo, que em linguagem local significa caçador de porcos (javalis). A segunda versão em relação ao nome da cidade é sobre um riacho que passa no Centro do município e que termina quebrando o ângulo reto de curso d´água ao desembocar no rio Paraíba[4]. O nome sem o acento circunflexo seria originado no período colonial brasileiro em que esse tipo de acento ortográfico não fazia parte da linguagem usual da época.

> Quebrangulo situa-se na parte norte de Alagoas, faz parte da Micro-Região de Palmeira dos Índios (115), antigamente denominada de Zona da Mata. Faz fronteira com o Estado de Pernambuco, seus limites são: Ao norte, Bom Conselho; ao Sul e Sudeste, Paulo Jacinto; à Nordeste, Viçosa; Oeste, Palmeira dos Índios. Ocupa uma área territorial de 342 Km², O município dista da capital, por estrada de rodagem 115 Kms e por estrada de ferro 135 Kms. Suas Coordenadas Geográficas são: 9 11'00" de latitude sul e 36 30'30" de longitude oeste de Greenwich. Sua altitude é de 342 mts. Seu clima é quente e seco no verão e bastante frio no inverno, ótimo portanto para veraneios e repousos. A temperatura máxima é de 35°C e a mínima de 14°C (PREFEITURA DE QUEBRANGULO, 2010).

Comunicacionalmente Quebrangulo só tem um meio de comunicação, a rádio Victoria FM, emissora de rádio comunitária legalizada. O município tem pouco mais de 50 pontos de Internet (a maioria recebendo sinal via rádio) quase que totalmente distribuída pela Prefeitura (que recebe o sinal via satélite). Quebrangulo recebe sinal de duas operadoras de telefonia celular e recebe sinal de quatro emissoras de televisão advindas do Sudeste do País.

2.1. Victoria FM

A Victoria FM antes da tragédia das águas em Quebrangulo já era o único veículo de comunicação local na região.

A emissora é uma rádio que opera em FM (freqüência modulada) de 104,9 MHz e é uma emissora radiofônica comunitária legalizada. Ela tem funcionamento de domingo a domingo com programação entre 5h e 0h, com programação destinada principalmente a entretenimento (principalmente musical). A rádio tem programas

[4] Rio que corta a cidade e que este ano foi responsável pela cheia que arrasou o município.

informativos gerais e esportivos, além de programação religiosa dividida entre quatro igrejas evangélicas e a Igreja Católica sediadas em Quebrangulo.

As informações veiculadas na Victoria FM são abastecidas principalmente com a coleta local pelos dez comunicadores e colaboradores da emissora (todos do sexo masculino) e de notícias de sitios e portais captados pelos três computadores interconectados à Internet no moderno estúdio da emissora. A FM de Quebrangulo está conectada à Grande Rede há mais de três anos.

A Victoria FM pertence à Associação Comunitária 13 de Junho e está localizada na Praça Cícero de Goes Monteiro, no Centro de Quebrangulo. A emissora tem esse nome porque Victoria era o antigo nome do povoamento que deu origem ao município de Quebrangulo. A rádio tem um alcance de, aproximadamente, 70 quilômetros cobrindo toda a área territorial de Quebrangulo chegando até parte dos municípios alagoanos de Capela, Palmeira dos Índios e Paulo Jacinto, além do município pernambucano de Bom Conselho.

O prédio de dois pavimentos em que funciona a emissora pertence à Prefeitura da cidade. A emissora está legalizada há quatro anos, completados no dia 13 de junho de 2010 (cinco dias antes da tragédia na cidade).

A rádio também funciona via Internet através dos endereços eletrônicos: **www.quebrangulo.com** e **www.quebrangulovip.com**.

III – A Comunicação Comunitária e suas atuais interfaces

O conceito de Comunicação Comunitária e, principalmente, sua aplicabilidade, evoluiu de acordo com as transformações sociais, largamente aceleradas com as conquistas econômicas, políticas, sociais e fraternais das últimas duas décadas.

Desde que começou a ser teorizada, contemplada, pensada e pragmatizada em seu contexto sociológico, e depois comunicacional, a comunidade passou por novas e diferentes conceituações. Suas atuais interfaces apontam para um comunitarismo mais virtual e abrangente em termos de sua perspectiva tradicional. Sendo inegável as tendências comunitaristas ainda ligadas a um ambiente tradicional voltado à territorialidade.

Comunidade nasce desde os primeiros agrupamentos de seres, evoluindo para os humanos na perspectiva de compartilhamento e crescimento social conjunto. Esse

compartilhamento comunitário evolui e se diversifica, podendo ser atualmente considerada a comunidade como um local, tendo perspectivas de localidade de forma isolada em sentido geográfico, bem como grupo de membros que procuram identidades próprias.

Comunidades também são pensadas fora do contexto territorial, na perspectiva do pertencimento e até na perspectiva da virtualidade, existindo no ciberespaço (sem existência no real).

Os conceitos clássicos de comunidade advém do pensamento de Ferdinand Tönnies (1995), idealizados no Século XIX e que trouxeram o ideário de comunidade universal e perfeita, em alemão *Gemeinschaft*, sendo a comunidade um organismo vivo, enquanto a sociedade, *Gesellschft*, é agregada de mecanismos e artificialidades.

Outro importante teórico que discute comunidade, aperfeiçoando e modernizando os ensinamentos deixados por Tönnies é Martin Buber (1987, p.33-39), que evolui sobre os conceitos seminais, pregando a comunidade como também um organismo vivo configurado pelo *Eu* e pelo *Tu*, ou seja, pelo espírito comunal das pessoas e dos grupos formados por essas pessoas, rejeitando o individualismo atomístico (o ser sozinho) e o coletivismo totalitário (vivência em grupo, mas forçada), mas sim de um espaço mútuo e intermediário entre esses dois tipos de convivência social. Buber (1987) discute também sobre o papel da comunidade como espaço de socialização, destacando que o indivíduo atomístico é a vivência sem terceiros, estando-se sozinho. O coletivismo totalitário (mesmo ao contrário do individualismo em forma uníssona) é a vivência com pares, com mais pessoas, mas sem participação e, se não houver participação não há desenvolvimento social, sendo essas duas atuações humanas e sociais eminentementes díspares em relação aos pensamentos e vivências comunitárias.

Zygmunt Bauman (2003, p.129) ao destacar os conceitos de comunidade visando as relações do Século XXI, traz a idéia de comunidade de compartilhamento, em conceitos mais coletivizantes. O autor também destaca a idéia de comunidade como local de cuidado mútuo, sendo um avanço sobre sua interação social, onde ainda haja direitos iguais e igual capacidade coletiva de ação em relação a defesa dos direitos (humanos, sociais, coletivos e plurais).

Armand Mattelart e Michèle Mattelart (2003, p.31) destacam que comunidade é definida por três elementos: uma população organizada em um território, em maior ou

menor medida nele enraizado, cujos membros vivem em uma relação de interdependência mútua de caráter simbiótico.

As origens sociais na comunidade, possibilita-se três tipos de vivência comunitária, como comenta Raquel Paiva (2007, p.135) sobre os ensinamentos de Tönnies, sendo: comunidade *consangüínea*, existente por conta de laços de parentesco, comunidade de *proximidade*, existente por conta dos laços de vizinhança, e comunidade *espiritual*, existente por sentimentos, interesses e afetos comuns.

Marcos Palácios (1995) enfatiza que a comunidade é uma invenção da modernidade, aonde as comunidades são pensadas enquanto tal e não mais vivenciadas enquanto ambientes sociais. Palácios também reflete que cinco elementos são necessários para se identificar uma comunidade: o primeiro é o sentido de ligação e pertencimento, ou seja, os membros têm de se sentir parte; o segundo é o sentido cooperativo, de ajuda e solidariedade; o terceiro é a permanência em contraposição à efemeridade; o quarto é a territorialidade e aí ele traz não só como território real, mas também território simbólico; o quinto é a existência de uma forma própria de comunicação entre seus membros, através de veículos específicos.

Kenneth Schmitz (1995, p.185) ao destacar a comunidade como algo integral e concreto, muito mais do que parcial e abstrato, conceitua comunidade como uma forma distintamente social de articulação e também como: uma unidade ilusória que necessita de articulação de uma maneira concreta e distintiva.

Roger Silverstone (2005, p.182-183) diz que a comunidade é o local em que ocorrem as experiências conflitantes da vida social, com o conceito de comunidades vividas.

Como dizem Rabaça e Barbosa (2001, p.157) a própria origem da comunicação introduz a idéia de comunidade, comunhão. Citando alguns dos pensamentos seminais da Comunicação moderna feitos Wilbor Schramm, os autores afirmam que, quando comunica-se, trata-se de estabelecer uma comunidade, isto é, trata-se de compartilhar informações, idéias, atitudes. Os autores ainda apontam que comunicação é fazer participar, é trazer para a comunidade o que dela estava isolado, assim, comunicar significa estabelecer comunhão, participar da comunidade, através do intercâmbio de informações.

Então a necessidade de comunicação em comunidade é essencial e válida, gerando interação e desenvolvimento.

A comunidade também é lugar da prática cidadã como forma de descoberta coletiva e de abandono do marasmo comunicacional[5], podendo o cidadão influenciar, ser usuário e ator dessa comunicação, com mais participação em seus grupos sociais comunitários.

> A teorização clássica sobre comunidade foi elaborada tendo como parâmetro as sociedades agrárias, a partir da tribo, aldeia, família, igreja, lugar etc. As transformações nas sociedades exigiram a atualização nos conceitos de comunidade. As noções de "territorialidade", "auto-suficiência" e "identidade" perfeita entre os membros, por exemplo, foram revistas em decorrência do avanço tecnológico e das alterações no modo de vida. [...] Evidentemente, isso não implica a pura e simples substituição de um tipo de relação (face-a-face) por outra (à distância), mas possibilita a co-existência de ambas as formas, com o sentimento de pertencimento sendo comum às duas. Apesar das alterações, muitos dos princípios desenvolvidos pelos clássicos preservam grande validade até os dias atuais. As comunidades continuam a se caracterizar pela existência de um modo de relacionamento baseado na coesão, convergência de objetivos e de visão de mundo, interação, sentimento de pertença, participação ativa, compartilhamento de identidades culturais, co-responsabilidade e caráter cooperativo. As próprias comunidades virtuais que surgem com o advento das novas tecnologias da comunicação, no final do século XX, demonstram a necessidade de atualização dos conceitos originais e, ao mesmo tempo, reforçam a necessidade da presença de laços de comunhão, como os acima referidos (PERUZZO, 2006, p.04-05).

Ou seja, é preciso se comunicar na comunidade, instigar os processos dentro desses ambientes sociais, principalmente para se dar voz aos membros da comunidade.

É nessa comunidade, nessas novas modernidades que a necessidade comunicacional, de seus processos e interfaces, que surge a necessidade de uma comunicação entre essa comunidade, entre seus membros.

Não que a Comunicação Comunitária seja uma salvação social, mas as perspectivas de integração proporcionadas por esse viés comunicacional ajuda na construção de uma sociedade mais igualitária e fraternal.

IV – Como a comunicação comunitária ajudou na minimização do sofrimento dos atingidos pelas cheias do rio Paraíba na cidade alagoana de Quebrangulo

A Comunicação Comunitária foi um instrumento crucial para ajudar a controlar e minimizar a tragédia das cheias dos rios Mundaú e Paraíba no mês de junho de 2010

[5] Marasmo comunicacional frisado como local sem revoluções e melhorias sociais promovidas pela comunicação social.

em Alagoas. Principalmente no Vale do rio Paraíba, através do trabalho comunicacional radiofônico, sonoro sem ser em freqüência e face a face, trouxe diminuições do sofrimento aos milhares de atingidos nessa tragédia nordestina.

Prova-se isso principalmente pelo trabalho comunitário da Victoria FM, emissora de rádio comunitária legalizada sediada na cidade alagoana de Quebrangulo.

O sentimento comunitarista dos que fazem a emissora (que também teve sua estrutura física e parte de estrutura técnica atingidas pela cheia do rio Paraíba) ocorreu principalmente por envolvimento de seus membros (muitos deles atingidos também pela cheia dos rios) nas campanhas em prol da reconstrução da cidade. Esses comunicadores tiveram residências destruídas ou parcialmente destruídas. Um deles, por pouco, após sair do estúdio, não foi levado pelo alagamento que tomava conta do município. O incidente ocorreu após o radialista informar à comunidade que estava por chegar uma grande enchente.

Em Quebrangulo a cheia do rio Paraíba ocorreu entre o meio e o fim da tarde do dia 18 de junho de 2010 o quê, principalmente por conta do trabalho da rádio, ajudou a evitar falecimentos. Fato que não ocorreu em outros municípios alagoanos, que foram atingidos em períodos noturnos ou que não tinham emissoras de rádio locais que não foram avisadas.

Tão logo houve ligação para a emissora locutores da rádio começaram a avisar a população sobre a eminente tragédia solicitando que os moradores das regiões ribeirinhas evacuassem imediatamente suas residências.

Entrevistas concedidas ao autor deste artigo[6] por parte de comunicadores da Victoria FM, denotam que moradores da comunidade de Quebrangulo chegaram a duvidar da cheia do rio Paraíba, visto que em épocas anteriores de grandes chuvas a cidade sempre via o volume do rio aumentar, mas nunca ocorrera destruição de casas ou uma cheia dessa magnitude.

O alerta da emissora de rádio comunitária quebrangulense era mais que correto. Mas o trabalho da emissora comunitária ficou mais evidenciado nos dias após a tragédia, principalmente porque Quebrangulo precisava se reerguer (estruturalmente, socialmente, educacionalmente e em termos de questões de saúde) e, principalmente, ser reconstruída, ter suas reformas garantidas e vida dos seus desabrigados cada vez menos sofridas.

[6] Concedidas nos dias 30 de junho e 1º de julho de 2010.

A rádio tem seu prédio localizado a 150 metros das margens do rio Paraíba e se não tivesse seus estúdios em uma edificação de primeiro andar não poderia mais funcionar, visto que teve o andar térreo completamente inundado, gerando problemas apenas na parte administrativa. Locutores da emissora informaram que após a cheia do dia 18 de junho alguns moradores da cidade tentaram saquear o prédio da rádio. O crime não foi cometido porque um vigilante das redondezas viu o incidente e avisou a polícia.

Nos dois primeiros dias após a cheia do rio Paraíba (respectivamente 19 e 20 de junho de 2010 – um sábado e um domingo) a emissora ficou sem funcionar, pois a cidade não tinha fornecimento de energia elétrica, nem de sistema de telefonia ou de Internet.

Depois de quase 72 horas parada a emissora voltou a funcionar, principalmente por conta do restabelecimento do fornecimento de energia elétrica em parte de Quebrangulo.

Somente uma semana depois é que a emissora voltou a ter Internet (sendo apenas um dos dois pontos da cidade a ter o fornecimento da Grande Rede de Computadores). Quase três semanas após a tragédia a emissora ainda não contava com restabelecimento de fornecimento de seu número telefônico (82-3288-1132) que serve para contatos para pedidos de músicas, avisos e contatos entre moradores das zonas urbana e rural, região de Quebrangulo e ouvintes que acompanham a rádio pela Internet.

Foi nesse caos que se tentou fazer comunicação comunitária radiofônica no município. A programação da emissora foi modificada totalmente dando espaço a jingles educativos (quase todos produzidos pela equipe da rádio) e uma programa informativa mais forte, com entrevistas de autoridades e atingidos pelas cheias do rio Paraíba.

O trabalho forte de conscientização da Victoria FM se deu principalmente no aspecto da prevenção de doenças e promoção da saúde pública, informação interna e externa, além da conscientização cidadã.

Na parte de prevenção de doenças e promoção da saúde pública ocorreu com forte divulgação de peças educativas principalmente no sentido de informar sobre os problemas gerados pelas cheias como leptospirose, cólera e dengue. Pelo menos diariamente 50 spots eram veiculados e ao menos uma autoridade de saúde (enfermeiros, assistentes sociais, médicos, odontólogos) que atuam na cidade eram convidados a dar entrevistas (algumas delas com mais de uma hora de duração) para explicar soluções para se evitar doenças em situações de calamidade. Promoveu-se

também via a emissora conscientização de uso da água para que, principalmente os moradores da cidade não se contaminassem com a água do rio Paraíba. Praticamente todo o sistema de abastecimento de água de Quebrangulo foi arrasado pela destruição do rio da cidade.

Já na parte de informação interna e externa divulgou-se insistentemente sobre a perda de documentos, procura de parentes desaparecidos ou de parentes informando suas localizações (já que muitos moradores, com medo de novas enxurradas fugiram para locais mais altos da cidade e eram tidos como desaparecidos). Também essa divulgação foi importante através do MSN (programa de conversação instantânea) em que habitantes oriundos da região moradores da capital e de outras partes do País entravam em contato com a rádio solicitando informações e recebendo informações. Parte da programação informativa do jornalístico da emissora era destinado a informar problemáticas das cheias em Quebrangulo e outras cidades alagoanas e pernambucanas.

Na parte de conscientização cidadã diariamente eram veiculados depoimentos de moradores e debates sobre como a cidade pode ser reconstruída de uma forma mais cidadã, inclusive sobre temáticas de corrupção eleitoral.

Na parte da zona urbana de Quebrangulo outro importante sistema de comunicação comunitária foi o único carro de som disponível na cidade (um veículo Chevrolett Caravan, da década de 1980) que antes anunciava casas comerciais e festividades. Por conta da destruição de estradas vicinais a zona rural do município só teve comunicação feita através do sistema de rádio (principalmente da Victoria FM) captada por rádios a pilha. A informação circundou na zona rural através da informação boca a boca.

O veículo de som em Quebrangulo foi utilizado principalmente para ajudar na divulgação de informes, principalmente nos locais da zona urbana em que o fornecimento de energia elétrica não fora reestabelecido.

Viu-se que durante os dias de caos na cidade o veículo circulava pelo município anunciando campanhas de conscientização para prevenção de doenças, bem como informando locais de distribuição de alimentos, suprimentos ou então como ocorria o trabalho de equipes para ajudar a reconstrução do município.

Os agentes comunitários de saúde, antes responsáveis pelo trabalho de prevenção a doenças e demais funcionários municipais (mais da metade atingidos pelas cheias) trataram de ser agentes informacionais.

A ação do veículo de som e dos agentes públicos eram alimentados e retroalimentados através da programação da Victoria FM. A programação diária da emissora era interrompida a qualquer momento desde que fosse necessário para a realização de entrevistas ou para veiculação de peças informativas.

O trabalho coletivista visto através da Comunicação Comunitária em Quebrangulo é um exemplo a ser seguido, principalmente na organização para futuras prevenções, pois o trabalho preventivo é mais importante para se evitar tragédias e situações de caos.

Considerações

Conclui-se que, ao menos na região estudada (a cidade alagoana de Quebrangulo), a Comunicação Comunitária se fortalece e mostrou seu caráter de importância e atuação frente à problemática mostrada.

Enquanto a mídia massiva (emissoras regionais e nacionais de rádio e televisão, revistas e jornais regionais e nacionais) se preocupa com o factual (mostrando número de mortes e histórias isoladas da tragédia) e apenas em mostrar a tragédia pela tragédia, a comunicação comunitária age em prol do local e do comunitário, atuando na reconstrução direta, inclusive na cidadania, indo além do factual, do atual, para refletir, formar e informar.

Viu-se o quanto foi importante o trabalho dos atores comunitários no processo de reconstrução e diminuição do sofrimento na cidade de Quebrangulo. Isso se deu principalmente porque muitos desses atores sentiram na pele a problemática, pois foram vítimas da tragédia das destruições promovidas pela cheia do rio Paraíba.

Por isso a Comunicação Comunitária não é um elemento concorrencial à mídia massiva, nem deve querer copiar o que esse tipo de mídia faz, mas sim oferecer conteúdos diferenciados e uma forma inovadora e integradora de se fazer comunicação social, fato que se confunde até com a perspectiva básica do próprio conceito de comunicação, que é de compartilhamento.

O desafio é de que esse comunitarismo prevaleça e se fortaleça e sirva de exemplo, inclusive conscientizador, para que problemas do tipo sejam evitados.

Notou-se que o problema de muitas vezes não ocorrer um fortalecimento comunitário é que as comunidades atingidas são tratadas como coitadas ou miseráveis e não como populações com afã de aprendizado coletivo.

Vê-se que organizações não-governamentais, por mais bem-intencionadas que sejam e estejam no processo não atuam em uma perspectiva emancipadora, mas sim, dependente de ajuda, inclusive no próprio fazer comunitário. Necessita-se de uma intervenção maior na questão de conscientização e emancipação comunicacional pelas próprias comunidades, fazendo e agindo comunitariamente e escolhendo através de suas culturas o que querem comunicacionalmente.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Gustavo Guimarães; RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade** – a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BUBER, Martin. **Sobre Comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FOLHA ON LINE. **Defesa Civil de SP suspende arrecadação para vítimas das enchentes no NE**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/768512-defesa-civil-de-sp-suspende-arrecadacao-para-vitimas-das-enchentes-do-ne.shtml>. Acesso em 17 de julho de 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População e área territorial de Quebrangulo**. Disponível em: <http://www.ibge.com.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 15 de julho de 2010.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loylola, 2003.

PAIVA, Raquel. **O retorno da comunidade** – os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PALÁCIOS, Marcos. O medo do vazio: Comunicação, socialidade e novas tribos. In: RUBIM, Antônio Albino (org.). **Idade Mídia**. Salvador: Edufba, 1995.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Observação participante e pesquisa-ação**. IN: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (orgs.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

_____. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. Brasília: CD-rom do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006.

PREFEITURA DE QUEBRANGULO. **Curiosidades sobre a cidade de Quebrangulo**. Disponível em: <http://www.quebrangulo.com/curiosidades.htm>. Acesso em 10 de julho de 2010.

_____. **Turismo**. Disponível em: <http://www.quebrangulo.com/turismo.htm>. Acesso em 10 de julho de 2010.

SCHMITZ, Kenneth L. Comunidade – a unidade ilusória. In: MIRANDA, Orlando de (org.). **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: Edusp, 1995.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a Mídia?** São Paulo: Loyola, 2005.

SOS ALAGOAS. **Municípios alagoanos atingidos pelas cheias dos rios em 2010**. Disponível em: <http://www.sosalagoas.al.org.br/>. Acesso em 16 de julho de 2010.

TÖNNIES, Ferdinand. Determinação geral dos conceitos principais. In: MIRANDA, Orlando de (org). **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: Edusp, 1995.